

# O MOVIMENTO ANARQUISTA NO NORTE DA ÁFRICA (1877-1951)

**Lucien van der Walt e Michael Schmidt**

A história da ampla tradição anarquista no norte da África está ainda por ser escrita, e precisa, antes de qualquer coisa, ser reconstituída a partir de uma ampla variedade de fontes. O Egito moderno e desenvolvido esteve, e ainda está, restrito pelo deserto a uma pequena porção de terra fértil que inclui a capital Cairo, às margens do Rio Nilo, e as cidades portuárias de Alexandria e Porto Said, localizadas no Delta do Nilo. O Egito, originalmente parte do Império Otomano, tornou-se uma província otomana autônoma sob a dinastia de Mohammed Ali a partir de 1805, mas a abertura do Canal do Suez em 1869 despertou a tentação imperialista da Grã Bretanha, que ocupou o país em 1882. Em “Egito e Tunísia”, Max Nettlau sustenta que os “anarquistas italianos emigrados e refugiados foram, por muitos anos, a vida e o espírito da atividade libertária”; no entanto, ele não acrescenta muito além disso em seu *A Short History of Anarchism*<sup>1</sup> ou, mesmo, na seção sobre o norte da África em seu estudo de dez volumes sobre a história do anarquismo. A Espanha utilizou frequentemente seus territórios no Saara e nas Ilhas Canárias como colônias penais para seus dissidentes; foi lá, por exemplo, que Durruti e Ascaso foram aprisionados em 1932. Outros materiais foram reunidos por Lucien van der Walt, cujas notas estão aqui incorporadas.<sup>2</sup>

O jornal anarquista italiano *Il Lavoratore* começou a ser impresso em Alexandria, no Egito, em 1877, e os anarquistas de Alexandria estiveram representados em 1877 no Congresso de Verviers da Internacional de Saint-Imier. O próprio Malatesta fugiu para Alexandria em setembro de 1878, mas foi deportado quando trabalhadores italianos organizaram uma manifestação do lado de fora do consulado italiano para comemorar a tentativa de assassinato contra o rei Umberto I por um republicano. Ele representou a Federação Egípcia em 1881 no Congresso Social Revolucionário Internacional dos

---

<sup>1</sup> NETTLAU, Max. *A Short History of Anarchism*. Freedom Press: Londres, 1996, publicado pela primeira vez em 1934. [Versão em português: NETTLAU, Max. *História da Anarquia*, 2 vols. São Paulo: Hedra, 2008, no prelo. (N.E.)]

<sup>2</sup> Este trecho e a nota foram extraídos do livro: SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Global Fire: 150 Fighting Years of International Anarchism & Syndicalism*. Oakland: AK Press, no prelo. Para breve introduções sobre a história do anarquismo em algumas partes do norte da África, ver o trabalho de Stiobhard: a) Sobre a Argélia: <http://stiobhard.tripod.com/east/algeria.html>; b) Sobre a Tunísia: <http://stiobhard.tripod.com/east/tunisia.html>; c) Sobre o Egito: <http://stiobhard.tripod.com/east/egypt/html>.

anarquistas, com um mandado de “agrupamentos de Constantinopla e Alexandria”. Malatesta retornou ao Egito em 1882 – o ano que o país foi invadido pela Grã-Bretanha – onde ele parece ter se envolvido com a Revolta de Pasha que estourou naquele ano, suprimida pelas forças britânicas. Em 1884, o jornal *La Question Sociale* surgiu no Egito. Em 1877, o jornal *L’Operaria* surgiu em Tunis, seguido, em 1881, pelo jornal anarquista italiano *Imola*, publicado por Andrea Costa, e outro, *La Protesta Humana* foi em seguida publicado na cidade, antes de ser transferido para a Itália, em 1896.

O jornal Egípcio *Al-Hilal* noticiou, em 18 de março de 1894, que um trabalhador grego havia sido preso em Alexandria por distribuir “panfletos anarquistas”, conclamando aos trabalhadores que celebrassem o aniversário da Comuna de Paris. Em 1901, o jornal anarquista *La Tribune Libre* foi publicado em Alexandria. Em Alexandria, um semanário de língua italiana chamado *L’Operario* começou a ser publicado em 1902, e durou até o ano seguinte. Em 1904, o jornal radical escrito em árabe *Al-Nur* foi fundado em Alexandria por Daud Muja’is, o editor sírio-libanês do *Al-Hurriyya* de Beirute (1909-1910?). De acordo com Khuri-Makdisi<sup>3</sup>, *Al-Nur* teve um correspondente no Cairo, foi publicado até 1908, e adotou uma linha crescentemente anarquista, com assinantes entre os participantes da diáspora sírio-libanesa para o Haiti e para o Brasil – um dos maiores exemplos da extensão da influência do anarquismo norte-africano.

O jornal escrito em italiano *Cronaca Sovversiva*, publicado em Vermont, nos Estados Unidos, em 1903, por Luigi Galleani, alcançou uma projeção para “muito além dos Estados Unidos”, incluindo o norte da África e o Egito. Os radicais italianos tiveram um papel importante na fundação do movimento operário no Egito, conformando a Universidade do Povo Livre em Alexandria, em 1901, e militantes ligados à universidade e ao *Le Tribune Libre* parecem estar entre aqueles que ajudaram a fundar os sindicatos “internacionais” no início do século XX no Egito. O mais notável deles foi a Liga dos Trabalhadores do Cigarro e Moleiros em 1908, “aberto aos operários de todas as nacionalidades, egípcios e estrangeiros” e, aparentemente, abarcando “outros trabalhadores da produção, para além dos qualificados enroladores de cigarros”. Outros exemplos de trabalho solidário e integrado foram levados a cabo. Um encontro ocorrido em 1901, num café no Cairo, em apoio aos trabalhadores da indústria de vestuário que estavam em greve (dentre os quais havia egípcios), contou com um discurso do presidente do sindicato dos enroladores de cigarro, e com a leitura das demandas dos trabalhadores

---

<sup>3</sup> KHURI-MAKDISI, Ilham. *Levantine Trajectories: the formulation and dissemination of radical ideas in and between Beirut, Cairo and Alexandria*, 1860-1914. Cambridge: Harvard University, 2003.

em árabe, grego, italiano, hebreu e alemão. Seguiu-se a isso uma marcha de 3 mil operários, que percorreram todo o Cairo cantando. É interessante que os trabalhadores tabacaleiros europeus que viviam no Egito “radicalizaram-se” por meio do contato com os sindicalistas egípcios e retornaram à Europa para difundir os ideais anarquistas. Dois exemplos notáveis desse processo foram o anarco-sindicalista Konstantinos “Kostas” Speras (1893-1943) e o anarco-comunista Stavros Kouchtsoglous (1878-1949). Ambos radicalizaram-se no Egito e retornaram à Grécia convertendo-se em lideranças nos sindicatos revolucionários locais. Speras falava árabe fluentemente e Kouchtsoglous havia se envolvido com numerosas manifestações operárias em Alexandria e Istambul. Ambos ajudaram a fundar sindicatos anarco-sindicalistas na Grécia, incluindo a constituição de uma minoria sindical na Confederação Geral dos Trabalhadores da Grécia (GSEE), em 1918.<sup>4</sup>

Apesar desses casos não serem necessariamente representativos, eles indicam que os anarquistas envolveram-se com a fundação de sindicatos racialmente integrados no Egito colonial. A evidência da atividade anarquista nos anos subsequentes não é muito clara. Tendo em mente a possibilidade de um possível erro de tradução do termo “sindicalista” [syndicalist] nos estudos acadêmicos, assim como a utilização indevida do termo “anarquista” em registros oficiais, podem-se encontrar menções de atividades ulteriores. As investigações sobre o assassinato do primeiro-ministro egípcio, Butrus Ghali, em fevereiro de 1910, por exemplo, revelaram a existência de várias sociedades secretas, incluindo um grupo dissidente, fundado em 1908, que se baseava ao mesmo tempo no sufismo, uma forma mística do Islã, e no “sindicalismo de intenção revolucionária” [syndicalism]. Em 1919, o *Viscount Allenby* da administração britânica no Egito observou em seus registros que “ao passo que o movimento nacionalista havia perdido um pouco da sua força, o movimento sindicalista [syndicalist] estava crescendo, com um apoio secreto de jornalistas italianos”. Uma curiosidade desse período foi a produção, em 1921, de um filme mudo francês-egípcio chamado *Aziz Bey, l’Anarchiste*, cuja existência foi registrada na lista de filmes com temática anarquista compilada em 2004 pelo Centre International de Recherches sur l’Anarchisme (CIRA) da Suíça.<sup>5</sup>

A simples produção de um filme sobre um anarquista egípcio, ficcional ou não, sugere a presença e a influência das ideias anarquistas na sociedade egípcia desse período.

---

<sup>4</sup> Cf. KOTTIS, Leonardis. *Konstantinos Speras: the life and activities of a Greek anarcho-syndicalist*. Atenas: Libertarian Historical Archive / Vivliopelagus Editions, 2001. Traduzido ao inglês em 2005 por James Sotros. SOTROS, James. *Stavros Kouchtsoglous: a Greek anarchist communist*, 2009.

<sup>5</sup> CIRA. *Anarchists on Screen 1901-2003*, boletim do CIRA, num. 60. Lausanne, 2004.

Ao mesmo tempo, o movimento socialista egípcio parece ter sido ofuscado pelo nacionalismo nos anos 1920 e 1930, tendo voltado à cena nos anos 1940. Entre 1942 e 1945 estabeleceram-se vários grupos socialistas no Egito, incluindo um “sob a liderança do sindicalista [syndicalist] Mudarak”.

A Argélia, que estava sob o domínio francês desde 1830, foi também um local de atividades anarquistas. Diversos jornais anarquistas foram publicados em Argel no final do século XIX, incluindo *L’Action Revolutionnaire*, em 1887, *Le Tocsin*, em 1890, *Le Libertaire*, em 1892, e o *La Marmite Sociale*, em 1893. De acordo com Anderson, em 1894, o influente jornal anarco-comunista de Jean Grave, *La Révolte* tinha assinantes em localidades distantes, como na Argélia e no Egito, ao passo que o jornal anarco-insurrecionalista de Emile Pouget, *Le Père Peinard* tinha assinantes na Argélia e na Tunísia, uma antiga província otomana que havia se tornado um protetorado francês em 1881.<sup>6</sup> Fernand Pelloutier, em seu texto de 1895, *O Anarquismo e os Sindicatos Operários*<sup>7</sup>, menciona que os anarquistas tornavam-se cada vez mais ativos em “muitos sindicatos”, incluindo os de Argel. O anarquista Victor Barroucand publicou um diário chamada *Les Nouvelles* em Argel, na primeira década do século XX; sua mais famosa correspondente foi Isabelle Eberhardt (1877-1904), estivadora, aventureira e escritora suíço-ucraniana, cujo pai havia sido amigo de Bakunin. A sucessora sindicalista da Confédération Générale du Travail (CGT) francesa, a Confédération Générale du Travail – Syndicaliste Révolutionnaire (CGT-SR), aparentemente tinha uma seção na Argélia. Assim como outras organizações anarquistas francesas, a CGT-SR opunha-se ao colonialismo francês. Em consequência, uma declaração conjunta da União Anarquista, da CGT-SR e da Associação de Federações Anarquistas denunciou o centenário da ocupação francesa na Argélia em 1930, argumentando: “Civilização? Progresso? Nós dizemos: Assassinato!”

Um proeminente militante da seção da Argélia da CGT-SR e da União Anarquista foi Saïl Mohamed (1894-1953), um anarquista argelino que foi ativo no movimento anarquista desde a década de 1910 até sua morte, em 1953.<sup>8</sup> Embora tenha residido em Paris e em Aulnay-sous-Bois na maior parte da sua vida, Mohamed foi o fundador de

---

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. *Under Three Flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. Londres: Verso, 2005.

<sup>7</sup> Versão em português: PELLOUTIER, Fernand. *O Anarquismo e os Sindicatos Operários*. São Paulo: Imaginário, 2013. (N.E.)

<sup>8</sup> ANARCHIST FEDERATION, UK. “Saïl Mohamed (1894-1953)”. In: *Organise!*, nº 58. [<http://libcom.org/history/mohamed-sail-1894-1953>] Uma compilação de escritos de Mohamed de 1920-1950 está disponível em: MOHAMED, Saïl. *Appels aux Travailleurs Algériens*. Groupe Fresnes-Antony, Federation Anarchiste, 1994.

organizações como a Associação pelos Direitos dos Argelinos Nativos e o Grupo Anarquista de Argelinos Nativos, com Sliman Kiouane, em 1923; organizou reuniões sobre a exploração colonial dos norte-africanos, tanto em francês quanto em árabe, e, em 1929, foi secretário do Comitê Argelino de Defesa Contra as Provocações do Centenário, que era anarquista. Saïl Mohamed também foi editor da seção norte-africana do jornal anarquista *Terre Libre*, cuja totalidade das edições encontra-se, infelizmente, perdida. Preso em numerosas ocasiões, Mohamed contribuiu com inúmeros jornais anarquistas como *L'Eveil Social* e *La Voix Libertaire*, muitas vezes levantando questões sobre a Argélia; ele também lutou como voluntário na seção internacional da Coluna Durruti na Revolução Espanhola. O grupo internacional da Coluna Durruti contou com “400 franceses, alemães, italianos, britânicos, marroquinos e americanos”.



Saïl Mohammed, no centro da primeira fila, com outros milicianos da Coluna Durruti norte-africana

Outro anarquista argelino importante foi Albert Guigui-Theral (1903-?), que nasceu na Argélia, mas foi criado em Paris; retornou à Argélia em 1918, onde trabalhou como mecânico. Envolveu-se em várias greves metalúrgicas e foi preso por distribuir material de propaganda anarquista.<sup>9</sup> Em 1922, depois de uma tentativa fracassada de estabelecer um falanstério na Argélia, Guigui-Theral voltou para Paris, onde foi despedido de diferentes empregos por razão de suas suas atividades anarquistas; foi ativo na Federação Metalúrgica da CGT, lutando contra a crescente influencia stalinista. A partir de 1928, passou a contribuir com *Le Libertaire* e fez uma breve viagem aos EUA, retornando à França em 1932, onde trabalhou na seção parisiense da CGT, auxiliando os sindicalistas espanhóis. Foi preso por suas atividades em junho de 1940, quando a França sucumbiu ao nazismo, mas foi solto e conseguiu escapar pelas “zonas livres”, juntando-se à resistência dos Maquis, sob o comando de Jean Moulin. Trabalhou com a CGT clandestina na tentativa de conseguir ajuda do general Charles de Gaulle em Londres e com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) na Filadélfia, EUA. Retornando à Paris em

<sup>9</sup> ANÔNIMO. “Albert Guigi-Theral (1903-??)”. [<http://www.libcom.org/history/articles/1903-19/index.php>]

1944, com os libertadores anarquistas espanhóis, Guigui-Theral trabalhou, mais tarde, para a OIT em Genebra.

Os anarquistas portugueses também desempenharam um papel relevante na disseminação das ideias libertárias no norte da África. Pode-se conhecer um pouco de suas atividades em um relatório do início de 1936, elaborado pela Federação Anarquista Ibérica (FAI), à qual a Federação Anarquista de Portugal era filiada. O relatório observa que “a Federação Portuguesa adentrou uma nova fase em março de 1935”. Ela “estabeleceu relações com núcleos de companheiros na Espanha, na França, no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na África francesa, na África portuguesa e em Marrocos”. Ela publicava “nosso jornal, *Rebelião*, ainda que não regularmente, porque não dispomos de fundos suficientes”. O jornal era “distribuído dentro de Portugal, assim como nos Açores, na África e na Oceania”. Embora o Estado espanhol utilizasse territórios no norte da África para fins penais, essa região também constituiu um refúgio para militantes anarquistas e exilados. Julio Sánchez Ortiz chama atenção para o papel desempenhado por Tangiers em Marrocos, que era um protetorado internacional no início do século XX. [...] Após a derrota da Revolução Espanhola, e com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Tangiers, que anteriormente havia sido uma cidade internacional, passou a ser controlada pelo ditador Franco; houve uma gigantesca repressão contra a esquerda e os trabalhadores daquela cidade. Muitos fugiram para Casablanca, na Argélia. Anarquistas italianos exilados, como Celso Persici, envolveram-se na resistência antinazista em Marrocos, durante a Segunda Guerra Mundial, como aponta Vértice Persici. “De acordo com José Peirats, Roque Santamaria Cortiguera representou organizações de exilados do norte da África, em 1947, num congresso intercontinental de anarquistas espanhóis exilados em Toulouse, na França.”<sup>10</sup>

Alguns etíopes lutaram com os republicanos na Revolução Espanhola, ao passo que Saïl Mohamed e outros anarquistas norte-africanos fugiram, com a derrota da revolução, exilando-se na Argélia, onde estabeleceram uma comunidade de exilados na cidade de Orã. De 1939 em diante, o Marrocos Espanhol e o Saara Ocidental permaneceram sob o controle do novo regime espanhol. O fascismo português controlava Açores, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe na África ocidental, num processo que se estenderia de 1927 a 1974. A Etiópia, a Líbia e a Somália permaneceram sob o domínio fascista italiano de 1935 até cerca de 1942, enquanto a França nazista de Vichy controlava a

---

<sup>10</sup> PEIRATS, José. *Anarchists in the Spanish Revolution*. Londres: Freedom Press, 1990, publicado pela primeira vez em 1951-1953. Utiliza-se aqui como fonte o apêndice da edição de Black & Red, Detroit, 1993.

Argélia e grande parte da África ocidental e equatorial, até perder progressivamente seus territórios com o avanço da Segunda Guerra Mundial. Saïl Mohamed tornou-se um falsificador de documentos de identidade para a resistência antifascista clandestina na França de Vichy durante a Segunda Guerra Mundial. Na guerra, muitos republicanos espanhóis, incluindo anarquistas, serviram no Long Range Desert Group e em outras forças especiais no norte da África; republicanos que tinham se juntado à Legião Estrangeira francesa em troca de serem libertados dos campos de detenção no sul da França. Muitos deles foram mandados para o norte da África, para Camarões e Chade quando a guerra estourou. O 9º Batalhão Blindado, conhecido como “El Nueve”, foi fundado no Chade como parte dos Regimentos de Marcha do Chade.

O 9º Batalhão Blindado possuía tanques e blindados com bandeiras da Espanha republicana com nomes relacionados à Revolução Espanhola pintados em suas laterais: “Durruti”, “Ascaso”, “Casa Viejas”, “Teruel”, “Madrid”, “Belchite”, “Guadalajara” e “Guernica”. Incluía combatentes libertários como Abenza Jesus, que havia lutado no front de Madri, mas que tinha sido preso e ficara sem condições de cruzar a França até 1941. Aprisionado em um campo de concentração em Argelès, e depois deportado para a Argélia, Jesus voluntariou-se para as forças africanas francesas, lutou na Tunísia, e então uniu-se ao que se tornaria a Divisão do Chade, que lutou contra a Afrika Korps de Rommel, antes de ser enviada à Inglaterra para treinar, visando a invasão da Normandia. Jesus e El Nueve desembarcaram nas praias da Normandia na noite de 31 de julho / 1 de agosto de 1944, numa das duas divisões de blindados da 3ª Tropa do exército americano, que derrotou três divisões Panzer SS e juntou-se às forças canadenses em Falaise – no mesmo momento em que cerca de 30 mil Maquis pegaram em armas na Bretanha –, antes de continuar para Paris, onde os anarquistas constituíram as primeiras “tropas aliadas” para a libertação da cidade em 24 de agosto de 1944.<sup>11</sup>

A conquista italiana da Líbia e a vitória nazista sobre mais da metade da França foram seguidas pela supressão da esquerda no norte da África. Em 1939, parece claro que a tradição anarquista havia, em grande medida, desaparecido no Egito; entretanto, sobreviveu na Tunísia, em Marrocos e na Argélia, com seus vínculos com a CGT-SR, com

---

<sup>11</sup> Para vários registros de El Nueve na libertação de *Paris*, ver: a) RECATALA, Denis Fernandez. “The Spaniards who Liberated Paris”. In: *Le Monde Diplomatique*, agosto de 2004. [<http://74.125.77.132/search?q=cache:VJallXrvQZkJ:mondediplo.com/2004/08/13spaniards+El+Nueve+liberation+Paris&hl=en&ct=clnk&cd=1&gl=za>]; b) WELSH, John Beresford. *2nd Armoured Division*, Washington DC, 2000. [<http://www.angelfire.com/wa2/FJ6/French2nd.html>]; c) ANÔNIMO. *1943-1944: CNT Militants and the Liberation of Paris*. Inclui as memórias dos veteranos do 9º Batalhão, Abenza Jesus e Manuel Lozano. [<http://www.libcom.org/history/articles/cnt-militants-lib-paris/index.php>].

o trabalho de militantes como Saïl Mohamed, e com as comunidades de anarquistas estrangeiros, como os exilados espanhóis, na cidade de Orã. Entre esses exilados, encontrava-se Roque Santamaria Cortiguera (?-1980), membro da Confederación Nacional del Trabajo – Federación Ibérica de Juventudes Libertarias (CNT-FIJL) e barbeiro, que havia feito parte do Conselho de Valência durante a revolução, e que fugiu para Orã depois da vitória franquista em 1939. Ele foi descrito por Stuart Christie como “um militante de grande mérito, particularmente forte como orador publico e polemista, bem versado em assuntos organizacionais”.<sup>12</sup> Com a ascensão da França nazista, Santamaria (e, sem dúvidas, muitos outros anarquistas de Orã) foi preso e mandado aos campos de concentração de Cerchel e Morand, onde Santamaria coordenou a militância da Confederación Nacional del Trabajo (CNT); ele foi libertado em novembro de 1942, depois que as forças aliadas tomaram Orã. Outro anarquista espanhol importante que passou algum tempo no norte da África foi o lendário Cipriano Mera Sanz (1897-1975),



**Cipriano Mera Sanz,**  
**estrategista militar anarquista**  
**na Revolução Espanhola**

um pedreiro analfabeto até os 20 anos, que participou do levante anarquista de 1933 ao lado de Durruti e Isaac Puente, e chegou a tornar-se o principal estrategista militar anarquista durante a revolução. Mera também fugiu para Orã em 1939 e foi mandado para o campo de Morand, mas escapou para Marrocos. No entanto, foi preso em março de 1941 e deportado para a Espanha, onde foi condenado a morte (mais tarde, foi libertado e viveu em Paris o resto de sua vida, morrendo em 1975). Não sabemos qual foi o papel desse exilados no levante de 1945 na Argélia, se é que houve algum. Mas Santamaria permaneceu na Argélia atuando como secretário da seção norte-africana da CNT; viajou em seguida para Toulouse, na França, em 1946, para representar o norte da África no Conferência Intercontinental do Movimento Libertário Espanhol (MLE) no ano seguinte. Ele permaneceu em Toulouse, tornando-se secretário da FAI na cidade, de 1948 a 1950, auxiliando na reunião dos setores revolucionários e reformistas da CNT em 1960 e 1961, e ajudando a restabelecer a CNT na Espanha após a morte do Franco.

Em maio de 1948, na conferência anarquista pan-europeia de Paris, a Comissão de Relações Internacionais Anarquistas (CRIA) foi estabelecida, entre outros, pelo livreiro

---

<sup>12</sup> CHRISTIE, Stuart. *Granny Made Me an Anarchist: General Franco, the Angry Brigade and Me*. Londres, Scribner, 2004. Foram também utilizadas discussões realizadas em 2008 entre Michael Schmidt e Christie.



anarquista parisiense, que tinha apoiado o grupo Amigos de Durruti e que editava *Le Libertaire*, André Prudhommeaux (1902-1968), e por Ildefonso Gonzalez, René Lamberet, da Associação Internacional dos Trabalhadores (IWA-AIT), Clément Fournier, Jules Pulidori e René Cavanhié, com objetivo de manter os laços entre membros, grupos e organizações do movimento anarquista do pós-guerra que, mesmo disperso e bastante exaurido, continuava pulsante.<sup>13</sup> A CRIA estabeleceu uma organização irmã na América Latina, com sede em Montevideú, chamada Comisión Continental de Relaciones Anarquistas (CCRA). A CRIA considerava-se continuadora do trabalho da Internacional de Amsterdã, constituída no congresso de 1907, e manteve uma rede de correspondência entre organizações, periódicos e militantes individuais na Argentina, na Austrália (League for Freedom), na Bolívia, no Brasil, na Inglaterra (Anarchist Federation), na Bulgária (a União Libertária Búlgara, exilada na França), no Canadá, no Chile, na China, na Colômbia, em Cuba, no Equador, na França (Federação Anarquista Francófona, Grupos Anarquistas de Ação Revolucionária e IWA-AIT), na Alemanha, na Guatemala, na Índia, em Israel, na Itália (Federação Anarquista Italiana, GAAP Filosofo, GAR-FAI e *Umanita Nova*), no Japão (Federação Anarquista Japonesa), na Coreia (Movimento Anarquista Coreano), no México, nos Países Baixos (*Vrijheid*), no norte da África (Movimento Libertário do Norte da África do Marrocos, da Argélia e da Tunísia), no Panamá, no Peru, em Portugal, na Espanha (Movimento Libertário no Exílio e Confederação Nacional do Trabalho), na Suécia, na Suíça (Movimento Anarquista da Suíça Romanda), no Uruguai, nos Estados Unidos (Libertarian League, *Free Voice of Labor*, *Resistance e Cultura Proletaria*), na Venezuela e na Iugoslávia. A CRIA realizou seu primeiro congresso em Paris, em 1949, e no congresso de Londres, em 1958, juntou-se ao Secretariado Provisório de Relações Internacionais (SPIRA). Transformou-se na Comissão Internacional Anarquista, que sobreviveu até cerca de 1960, e que se tornou a base da Internacional de Federações Anarquistas (IFA), criada em 1968.

É o Movimento Libertário do Norte da África (MLNA) que nos interessa aqui. Consta nas correspondências da CRIA do período imediato ao pós-guerra<sup>14</sup> que o MLNA é uma organização francófona com laços próximos ao forte movimento anarquista da França, e está dividido em seção marroquina, seção argelina e seção tunisiana. Parece que a seção argelina foi, em 2 de setembro de 1947, reconhecida como a “13ª seção” da

---

<sup>13</sup> CIRA. *Boletim do CIRA*, num. 64, Lausanne, 2008.

<sup>14</sup> Correspondências entre a CRIA e o MLAN, do período de 1947 a 1951, gentilmente cedidas à Zabalaza Anarchist Communist Front (ZACF) pelo arquivista Frédéric Deshusses. CIRA, 2008.

Federação Anarquista Francófona (FAF) de Paris. A seção tunisiana parece ter surgido como Movimento Libertário Tunisiano (MLT), mais tarde afiliando-se à FAF, por meio da correspondência com Georges Fontenis. Aparentemente, o MLT inicialmente evitou a afiliação à seção argelina por razão das diferenças entre as administrações coloniais a que estavam submetidos. A seção marroquina não é mencionada nas correspondências da CRIA, mas provavelmente encontrava-se nos portos das colônias francesas do Atlântico, em Casablanca e Rabat, e não nos portos do mediterrâneo ocupados pelo franquismo, Ceuta e Melilla. Em seu primeiro manifesto, Doukhan, secretário da seção argelina do MLNA, anunciou os princípios da seção argelina do MLNA: “Pela igualdade econômica e racial e pelo comunismo libertário”, uma “harmoniosa sociedade baseada na solidariedade, no apoio mútuo, na cooperação e no federalismo”, opondo-se ao “colonialismo patrimonial feudal”, ao racismo, à guerra e ao imperialismo. Parece uma cópia das posições da FAF. É difícil, em um documento sem data da CRIA sobre as arriscadas circunstâncias nas quais se encontrava o MLNA, constatar que a seção argelina contava apenas com “três camaradas na Argélia e diversos camaradas dispersos e isolados no interior”. Ainda assim, a seção argelina envolveu-se numa definição de princípios e táticas, um possível sinal da participação de Fontenis e Prudhommeaux na conformação do movimento norte-africano.



**Georges Fontenis, primeiro  
secretário da Federação  
Anarquista francesa**

Em 1950, Doukhan escreveu para o secretariado da CRIA em Paris do escritório do MLNA, na *Rue Du Rousillon n° 6*, na Argélia, dizendo que a seção argelina havia sido legalizada pelas autoridades em 31 de março. Por isso, o MLNA na Argélia exigia seu direito à autonomia em relação à FAF e seu direito de registrar seu próprio nome como uma organização filiada às “Organizações Anarquistas” – provavelmente a CRIA.<sup>15</sup> Em abril de 1951, “R. Cavan” do CRIA em Paris escreveu uma carta para o MLNA na Argélia. Cavan era, de fato, René Cavanhié, que foi do comitê nacional da FAF; ele perguntou sobre as atividades na “costa espanhola”, mostrando preocupação de que o grupo de Orã não tivesse entrado em contato há um tempo, mas supostamente o MLNA

---

<sup>15</sup> O texto original em francês é: “C’est à la occasion de la legalisation du M.L.A.N. (seccion Algerienne) par les pouvoirs publics en date du 31 Mars 1950 sous le No. 4.189 et de sa constitution et autonomie par rapport au le F.A.F. à laquelle nous appartenions en tant que 13e Region du 2 September 1947 jusqu’au 31 Mars 1950 que nous avons la satisfaction de vous demander: de nous assigner s’il y a lieu, la tâche qui nous correspond afin de collaborer à même titre que les Organisations Anarchistes adherentes.”

ainda estava trabalhando com o “grupo de Tunis”. Essa carta a intrigante sugestão, aparentemente colocada pelos “camaradas espanhóis” exilados da FAI, de que o MLNA se fundisse com as forças da FAI no norte da África. Os arquivos da CRIA não possuem mais cartas entre ela e o MLNA, sugerindo que essa fusão, de fato, ocorreu e o MLNA tornou-se parte da FAI e, assim, do movimento de resistência libertária no exílio de forma mais ampla. A FAI foi restabelecida na Península Ibérica depois da Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974 – provocada pelas guerras de libertação nas colônias portuguesas da África, precipitando a descolonização portuguesa – e da morte de Franco na Espanha, em 1975; ela continua existindo até hoje. Em 1953, ano em que Mohamed morreu e que Fontenis fez uma fala em seu funeral, o setor plataformista da FAF, encabeçado por Fontenis, a Organização Pensamento e Batalha (OPB), assumiu a FAF, trocou seu nome para Federação Comunista Libertária (FCL) e adotou uma linha pró-libertação da Argélia. Os sintetistas remanescentes reconstituíram a FAF. Marrocos e Tunísia ganharam a independência em 1956 e alguns anarquistas de origem europeia podem ter ficado por lá. Contudo, a situação na Argélia rapidamente se tornou uma espiral fora de controle com uma guerra generalizada. O que aconteceu com os anarquistas de Orã, da Argélia e dos arredores não nos é conhecido. Entretanto, é provável que muitos deles tenham sido mortos ou fugido para a França, principalmente depois que a França perdeu a Argélia como colônia em 1962, depois do massacre de Orã naquele ano. Analisaremos a resposta anarquista à descolonização da África e do sudeste asiático – especialmente as atitudes contrastantes da FCL e da FAF – em uma futura edição.

**\* Tradução: José Vicente Mertz**

**\* Revisão: Felipe Corrêa**